

**PRÁTICAS ESG E O DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DAS  
EMPRESAS LISTADAS NO INDÍCE DE SUSTENTABILIDADE DA BRASIL  
BOLSA E BALCÃO**

**MARCELA CONCEIÇÃO DE AZEVEDO FANTAZZINI VAZ**

**FRANCISVAL DE MELO CARVALHO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**DARCY RAMOS DA SILVA NETO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

**JANDERSON MARTINS VAZ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

# **PRÁTICAS ESG E O DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DAS EMPRESAS LISTADAS NO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE DA BRASIL BOLSA E BALCÃO**

## **1. INTRODUÇÃO**

Foi observado nos últimos anos que as empresas que aderiram as práticas de sustentabilidade tiveram um crescimento considerável no número de investimentos direcionados a elas. Essa tendência indica mudança no perfil dos investidores, que passaram a considerar não apenas os retornos financeiros, mas os impactos sociais, ambientais e de governança nas organizações. Os investidores passaram a ter acesso a informações sobre as práticas sustentáveis das empresas por meio da divulgação de dados vinculados aos pilares Ambiental, Social e de Governança Corporativa (ESG) (Balassiano; Ikeda; Jucá, 2023)

O conceito de ESG (Environmental, Social and Governance) surgiu em 2004 no relatório “Who Cares Wins”, uma iniciativa liderada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que propunha recomendações e diretrizes de questões ambientais, sociais e de governança nas empresas.

Entende-se que a sigla “E” remete a ações das empresas ligadas a alterações climáticas, poluição e resíduos, recursos e uso da Terra, pegada ecológica e biodiversidade. O “S” remete a questões relacionadas a saúde e segurança, responsabilidade do produtor e consumidor, impactos na comunidade, diversidade e inclusão, normas trabalhistas e Direitos Humanos. Já o “G” designa os aspectos organizacionais relacionados a gerenciamento de riscos, anticorrupção e subornos, ética nos negócios, transparência fiscal, liderança e governança corporativa (Da Silva; Carvalho, 2024). Segundo o Pacto Global (2025) até o ano de 2025 evidencia um crescimento dos investimentos sustentáveis tanto no cenário global quanto no Brasil. Na Europa, mais da metade dos investimentos oriundos de fundos estão de acordo com os critérios de ESG, representando aproximadamente US\$ 9 trilhões.

De acordo com a pesquisa da PWC até o ano de 2025, quase 80% dos investidores planejam parar de comprar produtos que não atendem as normas do ESG nos próximos dois anos (Pacto Global, 2025).

No Brasil, um levantamento feito pela Morningstar e pela Capital Reset mostrou que embora o volume movimentado seja menor, o ritmo de expansão do investimento em ativos ESG é notável. No ano de 2020, os fundos de ESG captaram R\$2,5 bilhões, sendo que mais da metade desse montante veio de fundos lançados em até 12 meses (Pacto Global, 2025).

Dada a importância que o ESG vem ganhando nos últimos anos, diversas abordagens teóricas têm buscado compreender suas características e consequências. Dentre estas, observa-se a existência de estudos que buscam analisar os efeitos do ESG sobre o desempenho econômico-financeiro das empresas como Monteiro, Dos Santos e Dos Santos (2020) e Scaldini e Libonati (2021). Visando colaborar com o avanço da literatura sobre o tema, este estudo teve como objetivo geral investigar a relação entre os desempenhos ESG e o desempenho econômico-financeiro das empresas listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISEB3).

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. A origem do conceito de ESG**

Os autores Tiwari, Sharma e Sharma (2023) relatam que a preocupação com o meio ambiente teve sua origem nos anos de 1920 e foi impulsionada pelos valores éticos e religiosos

da época. A ideia era simples, mas poderosa: evitar investir em setores que prejudicavam a saúde, a sociedade e o planeta. Esse olhar mais consciente se fortaleceu nos anos 1970, quando investidores passaram a se interessar mais por aplicações que considerassem o impacto social. Já na década de 1980 ocorreram dois grandes desastres ambientais: i) o vazamento de gás da Exxon e; ii) o trágico acidente em Bhopal, que acenderam um alerta de o quanto os riscos ambientais precisavam ser levados a sério nas decisões financeiras das empresas.

O conceito de sustentabilidade empresarial veio do termo “desenvolvimento sustentável” introduzida pela Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED), em 1987, no relatório *Our Common Future*, uma iniciativa da ONU. Segundo esse relatório, desenvolvimento sustentável é definido como “desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (WCED, 1987).

Durante as décadas de 1980 e 1990, as empresas passaram a prestar mais atenção às questões sociais e de governança em resposta à crescente pressão de investidores e da sociedade. Esse movimento refletia uma demanda cada vez maior por transparência nas ações corporativas, por um compromisso efetivo com os direitos humanos, pela valorização da diversidade e pela responsabilidade social junto a sociedade (Da Silva; Carvalho, 2024).

O conceito de ESG surgiu ano de 2004, quando Kofi Annan, que era secretário-geral da ONU na época, reuniu alguns dos principais CEOs do setor financeiro para uma conversa importante. Ele queria mostrar que analisar o mercado não deveria se limitar apenas ao lucro. Era hora de olhar também para questões ambientais, sociais e de governança, fatores que, no fim das contas, também impactam o futuro dos negócios e da sociedade (Global, 2025).

A partir dessa reunião resultou o relatório do Pacto Global (2004) intitulado “Who Cares Wins – Connecting Financial Markets to a Changing World”, que, em uma tradução livre, significa quem se importa, ganha: conectando os mercados financeiros a um mundo em transformação. A mensagem era clara, as empresas que se preocupam com o meio ambiente, com as pessoas e com uma boa gestão tendem a ter melhores resultados e mais chances de se manterem fortes no longo prazo.

Esse relatório marcou o começo do uso do termo ESG no mercado financeiro e corporativo. Desde então, o mercado passou a considerar os impactos sociais, ambientais e as práticas de governança adotadas pelas empresas e não somente os aspectos financeiros concernentes a essas companhias (Borsatto; Baggio; Brum, 2023).

## 2.2. Índices do ESG

Os investidores têm demonstrado crescente preocupação não apenas com os retornos financeiros, mas também com os efeitos sociais e ambientais de suas aplicações. Essa mudança de postura tem incentivado as empresas a revisarem suas práticas e a adotarem medidas mais responsáveis no âmbito socioambiental, tanto para melhorar seu posicionamento no mercado quanto para facilitar o acesso a capital (Borsatto; Baggio; Brum, 2023).

Segundo os autores Charlo, Moya e Muñoz (2015) com o aumento da preocupação com práticas responsáveis, surgiram ferramentas para ajudar a identificar quem realmente faz a diferença. Alguns índices de responsabilidade social ganharam destaque no mundo todo justamente por isso. O KLD Domini 400 Social Index, lançado em 1990, foi um dos primeiros. Depois vieram outros índices importantes, como o Dow Jones Sustainability Index Group e o FTSE4Good Index Series. Esses índices funcionam como bússolas para os investidores, apontando as empresas que tratam a sustentabilidade com seriedade.

De acordo com Borsatto, Baggio e Brum (2023) no Brasil no ano de 2005, a Brasil, Bolsa e Balcão (B3) deu um passo importante rumo à sustentabilidade ao criar o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISEB3). A iniciativa contou com o apoio de diversas instituições

ligadas ao mercado de capitais, como a Fundação Getúlio Vargas, o Instituto Ethos e o Ministério do Meio Ambiente.

O índice mede o desempenho médio das ações de empresas reconhecidas por seu compromisso com a sustentabilidade (B3, 2025). Ainda de acordo com a B3 (2025), além de servir como referência para orientar as decisões de investidores interessados em aplicações responsáveis, o índice também atua como um incentivo para que as empresas adotem boas práticas ambientais, sociais e de governança (ESG), consideradas essenciais para a longevidade e resiliência dos negócios.

O Quadro 1 apresenta os principais índices ESG da B3:

Quadro 1: Índices de Sustentabilidades da B3

<b>Nome do Índice</b>	<b>Objetivo</b>
Índice Carbono Eficiente (ICO2 B3)	A adesão das companhias ao ICO2 B3 demonstra o comprometimento com sua eficiência na emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE) e na adoção de práticas de gestão que conduzam a uma maior eficiência nessas emissões, contribuindo para o avanço da transição para uma economia de baixo carbono.
Índice GPTW B3 (IGPTW B3)	O objetivo do IGPTW B3 é ser o indicador do desempenho médio das cotações dos ativos de empresas admitidas a negociação na B3 e que foram certificadas pela GPTW como as melhores ambientes para trabalhar.
Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3)	O objetivo do ISE B3 é ser o indicador do desempenho médio das cotações dos ativos de empresas selecionadas pelo seu reconhecido comprometimento com a sustentabilidade empresarial. Apoiando os investidores na tomada de decisão de investimento e induzindo as empresas a adotarem as melhores práticas de sustentabilidade, uma vez que as práticas ESG (Ambiental, Social e de Governança Corporativa, na sigla em inglês) contribuem para a perenidade dos negócios.
Índice de diversidade B3 (IDIVERSA B3)	O objetivo do IDIVERSA B3 é ser o indicador de desempenho médio das ações dos ativos de empresas listadas que se destacam no critério de diversidade, baseado no Score de Diversidade, desenvolvido pela B3.

Fonte: B3 (2025)

A partir desses índices, as pesquisas na área de finanças têm abordado o impacto dos níveis de sustentabilidade empresarial, ou ESG, sobre a rentabilidade das empresas. A pesquisa de Monteiro, Dos Santos e Dos Santos (2020) teve como objetivo investigar a relação entre o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e o desempenho econômico-financeiro das empresas de capital aberto listadas na B3, entre o período de 2014 a 2017, utilizando as variáveis de desempenho como o Retorno Sobre o Ativo (ROA), Retorno Sobre o Capital Próprio (ROE) e o Lucro Antes de Juros, Impostos, Depreciação e Amortização (EBITDA).

O trabalho de Scaldini e Libonati (2021) teve como propósito analisar se as empresas integrantes do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) apresentaram um desempenho

estatisticamente superior àquelas que não fazem parte do índice, no intervalo de 2015 a 2020. Além disso, buscou-se identificar quais indicadores de desempenho se destacaram com os melhores resultados ao longo do período analisado. Os indicadores utilizados nesse trabalho foram o Retorno Sobre Investimentos (ROI), ROA, ROE, Margem Bruta (MB) e Margem Líquida (ML).

### **3. METODOLOGIA**

Este estudo está inserido na área de Ciências Sociais Aplicadas e pode ser classificado como uma Pesquisa Aplicada com abordagem quantitativa conforme a classificação estabelecida por Gil (2022). Seu propósito geral é descritivo-explicativo, buscando compreender e explicar os fenômenos observados. Para isso, foram utilizados métodos de levantamento documental e análise estatística descritiva com técnicas de análise multivariada.

Os dados foram obtidos no portal da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e na base ESG Workspace da B3. No portal da CVM foram obtidos os dados cadastrais e econômico-financeiros das empresas listadas no índice de sustentabilidade da B3 (ISEB3): Razão Social; CNPJ; Lucro Líquido Consolidado e; Ativo Total.

Na base ESG Workspace foram coletados os dados referentes ao score ESG das empresas listadas no ISEB3: Capital Humano; Governança Corporativa e Alta Gestão; Modelo de Negócios e Inovação; Capital Social; Meio Ambiente e; Mudança do Clima.

Foram coletados os dados do período 2021 até 2024, sendo consideradas as companhias pertencentes ao ISEB3 em cada ano, formando um painel desbalanceado. Dessa forma, a amostra contou inicialmente com 73 empresas no ano de 2021, 83 empresas no de 2022, com 96 empresas no ano de 2023 e 93 empresas no ano de 2024. Devido a indisponibilidade de dados financeiros, foram excluídas da amostra oito empresas no ano de 2021, 11 empresas no ano de 2022, 12 empresas no ano de 2023 e 10 empresas nos anos de 2024, resultando em uma amostra final de, 65 empresas no ano de 2021, 72 empresas no ano de 2022, 84 empresas no ano de 2023 e 83 empresas no ano de 2024, em um total de 107 diferentes empresas listadas no ISEB3, o que resulta no total de 304 observações por variável.

Os dados foram organizados em uma planilha do Microsoft Excel®, sendo possível o cálculo do Retorno Sobre o Ativo (ROA) a partir da divisão dos valores do Lucro Líquido Consolidado pelo Ativo Total das empresas.

Dessa forma, passaram a ser consideradas como variáveis sob análise neste estudo: ROA; Capital Humano (CapHum); Governança Corporativa e Alta Gestão (GovLtGE); Modelo de Negócios e Inovação (ModNegInoV); Capital Social (CapSoc); Meio Ambiente e (Meio Amb) e; Mudança do Clima (Muclim). Essas variáveis foram escolhidas baseadas nos estudos De Sousa Neto e Correia (2024). Para análise dos dados foram empregadas técnicas de análise estatística descritiva e multivariada. As variáveis foram submetidas a um modelo de análise de regressão linear múltipla com dados em painel. Foram utilizados os seguintes modelos econométricos pelo Modelo Pooled, Modelo de Efeitos fixos e o Modelo de Efeitos Aleatórios. Para escolher entre o modelo de efeitos fixos e o model Pooled, utilizou-se o Teste de Chow. Já o Teste de Hausman foi realizado para escolher entre modelo fixo e aleatório. Além disso foram feitas análises para verificar a presença de heterocedasticidade e autocorrelação nos dados.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados foram analisados por meio do software Rstudio© versão 2024.12.1. Primeiramente, foram analisadas as estatísticas descritivas das variáveis, conforme a Tabela 1.

Tabela 1: Estatística descritiva das variáveis no período de 2021 a 2024.

	N	Omisso	Média	Mediana	Desvio-padrão	Amplitude
<b>CapHum</b>	304	124	64.8440	66.6600	11.8191	65.960
<b>GovAltGe</b>	304	124	77.8889	80.1400	10.9971	59.800
<b>ModNegInov</b>	304	124	72.9402	75.3050	15.5740	77.290
<b>CapSoc</b>	304	124	71.2911	73.3200	11.3615	64.890
<b>MeioAmb</b>	304	124	72.7618	73.8900	13.8447	85.460
<b>MudClim</b>	304	124	63.3071	71.4000	23.0125	100.000
<b>ROA</b>	304	124	0.0354	0.0336	0.0796	0.700

Fonte: Dos autores (2025).

Por meio da Tabela 1 é possível observar que a média da variável CapHum é de 64,84 e a mediana 66,66, sendo os valores próximos. Já o desvio padrão é de 11,82, demonstrando uma variação moderada. O mesmo comportamento é observado para as demais variáveis representativas do score ESG, com exceção a variável MudClim que apresenta uma média 63,31 e um desvio padrão de 23,00.

A variável ROA apresenta uma média de aproximadamente 0,035 e a mediana de 0,034, já o desvio padrão é de aproximadamente 0,80, demonstrando uma variação elevada no conjunto de dados. Comparando esses resultados aos de Monteiro, Dos Santos e Dos Santos (2020), observa-se que o desvio padrão apresenta comportamento semelhante, porém o valor da média do ROA observado pelos autores é negativo.

Para investigação da relação entre o desempenho ESG e desempenho econômico-financeiro, foi empregada técnica de análise multivariada, sendo as variáveis submetidas a um modelo de análise de regressão múltipla com dados em painel.

Foram testados os modelos Pooled, Efeito fixo e Efeito Aleatório. A partir dos resultados das regressões empregando os três modelos, foram realizados testes estatísticos com o objetivo de selecionar o modelo mais adequado. O primeiro deles foi o teste de Chow, utilizado para decidir entre o modelo Pooled e o modelo de Efeitos Fixos, de acordo com Gujarati (2011). Como o P valor apresentou-se menor que 0,05 rejeita-se o modelo Pooled, optando-se pelo modelo de Efeitos Fixos.

Em seguida, foi aplicado o teste de Hausman, com o objetivo de verificar a escolha mais adequada entre o modelo de Efeitos Fixos e o modelo de Efeitos Aleatórios. Como o resultado do teste apresentou o P valor maior que 0,05 optou-se pelo modelo de efeitos aleatórios.

A partir dos resultados obtidos observou-se como modelo mais adequado o de Efeitos Aleatórios. O Quadro 2 apresenta as estatísticas do modelo de efeitos aleatórios.

Quadro 2: Resultado do modelo de regressão em painel por efeitos aleatórios

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	z-valor	p-valor	Significância
(Intercepto)	0.0718	0.0369	1.944	0.0519	. (marginal)
CapHum	-0.0007	0.0006	-1.074	0.2829	ns
GovAltGe	-0.0002	0.0008	-0.221	0.8248	ns
ModNegInov	-0.0003	0.0004	-0.682	0.4950	ns
CapSoc	-0.0002	0.0007	-0.286	0.7752	ns
MeioAmb	0.0010	0.0004	2.481	0.0131	* (significativo)

MudClim	-0.0003	0.0002	-1.410	0.1585	ns
Medida			Valor		
Soma Total dos Quadrados			0.93824		
Soma dos Resíduos			0.89869		
R <sup>2</sup>			0.0424		
R <sup>2</sup> ajustado			0.0231		
Estatística Qui-quadrado			12.7858		
Graus de Liberdade (DF)			6		
p-valor do Modelo			0.0466		

Fonte: Dos autores (2025).

Foi realizada a verificação da heterocedasticidade no modelo, conforme Gujarati (2011). A Figura 1 apresenta os resultados do teste de heterocedasticidade a partir do RStudio.

Figura 1: Verificar a Heterocedasticidade

```
bptest(modelo_aleatorio)

##
## studentized Breusch-Pagan test
##

## data: modelo_aleatorio
## BP = 3.3011, df = 6, p-value = 0.7702
```

Fonte: Dos autores (2025).

Observa-se pela Figura 1 que como o valor de P foi superior a 0,05, em que não se observaram evidências estatísticas que indiquem a presença de heterocedasticidade.

Foi aplicado o teste de autocorrelação para avaliar a independência dos resíduos. A Figura 2 apresenta os resultados do teste de autocorrelação.

Figura 2: Teste de Autocorrelação

```
pbgttest(modelo_aleatorio)

##
## Breusch-Godfrey/Wooldridge test for serial correlation in panel
models
##
## data: ROA ~ CapHum + GovAltGe + ModNegInov + CapSoc + MeioAmb +
MudClim
## chisq = 0.0013447, df = 1, p-value = 0.9707
## alternative hypothesis: serial correlation in idiosyncratic errors
```

Fonte: Dos autores (2025).

Por meio da Figura 2 observa-se que como o P valor apresentou-se acima de 0,05, aceita-se a hipótese nula de que não há autocorrelação serial nos resíduos.

A interpretação do modelo permite observar que o modelo é estatisticamente significativo, mas com baixo poder explicativo, ou seja, R<sup>2</sup> relativamente baixo, com o valor de 0.0424. Este resultado vai ao encontro dos estudos de Silva e Mascena, (2025) que observaram um resultado positivo na relação entre desempenho ESG e desempenho econômico-financeiro.

Entre as variáveis analisadas, apenas a variável MeioAmb apresentou relação estatisticamente significativa e positiva com o ROA. As demais variáveis não demonstraram

significância estatística no contexto do modelo de efeitos aleatórios. Este resultado pode ser comparado ao de Silva e Mascena (2025), em que os resultados mostram uma relação significativa entre a dimensão Social e o ROE (retorno sobre o Capital Próprio), demonstrando a existência de efeitos distintos das dimensões ESG sobre o desempenho econômico das empresas brasileiras. Outro estudo, o de De Souza (2024), verificou que a presença das empresas no ISEB3 está associada a melhor rentabilidade sobre o ROI e o ROE e a um menor nível em relação ao índice de endividamento geral, embora com menor índice liquidez geral. Estes resultados sugerem que empresas com maior engajamento em ações sustentáveis podem ser mais atrativas em termos de retorno econômico-financeiro.

## 5. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral investigar a relação entre os desempenhos ESG e o desempenho econômico-financeiro das empresas listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISEB3) medido pelo ROA no período de 2021 a 2024. Para responder o objetivo geral do estudo foi usado a regressão de dados em painel segregando os pilares de ESG em 6 fatores. O pilar Meio ambiente foi o que apresentou uma relação positiva com o ROA das empresas analisadas. Esse resultado cumpre o propósito do objetivo geral e tem um ponto em comum com os outros estudos que identificaram uma relação positiva entre a sustentabilidade e o desempenho financeiro nas empresas.

O estudo possui as limitações em relação ao período analisado que foi do ano de 2021 a 2024 com os dados em painel desbalanceado. Outra limitação é que foram consideradas somente as empresas do ISEB3

A sugestão para estudos futuros é a ampliação do período de análise para verificar os efeitos das práticas de ESG a longo prazo e fazer a inclusão de empresas não listadas no ISEB3 na amostra, permitindo uma análise comparativa do desempenho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALASSIANO, R. S.; IKEDA, W. E.; JUCÁ, M. N. Efeitos das práticas de ESG no custo de capital das empresas brasileiras. **REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, 13, n. 2, p. 197-217, 2023.

BALCÃO, B.-B. B. E. **Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3)** <p class="MsoNormal" style="margin-bottom:0cm;text-align:justify;text-indent: 35.45pt;line-height:150%">. 2025.

BORSATTO, A.; BAGGIO, D.; BRUM, A. Conceitos e definições do ESG – Environmental, social and corporate governance – no contexto evolutivo da sustentabilidade. **Desenvolvimento em Questão**, 21, p. e13493, 11/03 2023.

CHARLO, M. J.; MOYA, I.; MUÑOZ, A. M. Sustainable development and corporate financial performance: A study based on the FTSE4Good IBEX Index. **Business Strategy and the Environment**, 24, n. 4, p. 277-288, 2015.

DA SILVA, A. C.; CARVALHO, F. D. M. Relação entre práticas ESG e desempenho empresarial: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Gestão e Secretariado**, 15, n. 1, p. 1425-1456, 01/31 2024.

DE SOUSA NETO, J. A.; CORREIA, M. B. Integração de Políticas ESG nas Empresas Brasileiras Listadas na B3: Uma análise econômico-financeira das empresas avaliadas no índice ISE B3 2022. **Revista Controladoria e Gestão**, 5, n. 1, p. 1114-1136, 2024.

DE SOUZA, N. I. DESEMPENHO ECONÔMICO-FINANCEIRO DAS EMPRESAS LISTADAS NO ÍNDICE DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL ISE B3. **Revista Ifes Ciência**, 10, n. 1, p. 01-11, 2024.

GLOBAL, P. **ESG: entenda o significado da sigla ESG (Ambiental, Social e Governança) e saiba como inserir esses princípios no dia a dia de sua empresa.** 2025. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/esg/>.

GIL, Antonio C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. p.40. ISBN 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559771653/>. Acesso em: 28 mai. 2025.

GUJARATI, Damodar N.; PORTER, Dawn C. **Econometria básica.** 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011. E-book. p.893. ISBN 9788580550511. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788580550511/>. Acesso em: 06 jul. 2025.

MONTEIRO, A. A. F.; DOS SANTOS, T. R.; DOS SANTOS, G. C. Índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e desempenho econômico-financeiro nas empresas da B3. **Ragc**, 8, n. 38, 2020.

SCALDINI, João Marcos Auad; LIBONATI, Jeronymo. Sustentabilidade e Desempenho: Uma Comparação do Desempenho das Empresas Pertencentes e Não Pertencentes ao Índice de Sustentabilidade Empresarial. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC.** 2021. SILVA, F. É. D.; MASCENA, K. M. C. D. A Relação entre ESG e desempenho financeiro em empresas brasileiras. **Revista de Administração da UFSM**, 17, p. e3, 2025.

TIWARI, R.; SHARMA, N.; SHARMA, N. K. Categorizing and understanding the evolution of literature on ESG investments: A bibliometric analysis. **Vision**, p. 09722629231197574, 2023.

WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. Our Common Future (Relatório Brundtland). 1987. Disponível em: <https://www.are.admin.ch/are/en/home/media/publications/sustainable-development/brundtland-report.html>. Acesso em: 12 jun. 2025.